

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

OS AMULETOS DO CORAÇÃO NO ANTIGO EGÍPTO: TIPOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO¹

Por ROGÉRIO FERREIRA DE SOUSA

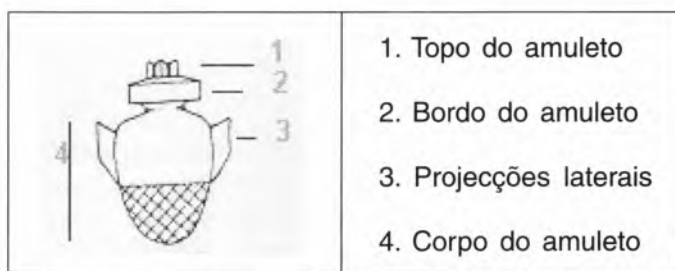
Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Constituindo um dos amuletos mais comuns do equipamento funerário das múmias egípcias, o significado preciso do amuleto do coração tem permanecido nebuloso pelo facto de não existir um estudo dedicado à sua descrição pormenorizada. Efectivamente, apesar da sua aparente simplicidade, esta categoria de objectos apresenta uma grande variegada de formas e variedades que, na ausência de uma grelha de classificação, tem dificultado a correcta apreensão do seu valor ritual e simbólico. Com este artigo propomo-nos apresentar uma metodologia de classificação que permita identificar as principais linhas de força das diversas variedades de amuletos e assim contribuir para delimitar o seu significado com mais precisão.⁽²⁾

1. A morfologia do amuleto do coração

Foi Flinders Petrie quem estabeleceu a primeira tipologia dos amuletos do coração⁽³⁾, definindo quatro tipos designados pelas primeiras letras do alfabeto. O tipo A compreende os amuletos sem artérias laterais, ao passo que o tipo B inclui os amuletos que possuem estas saliências. Já o tipo C abrange todos os amuletos que possuem marcas gravadas no corpo. De forma semelhante, o tipo D contempla os amuletos que possuem a representação da ave *akh*. Por fim, o tipo E corresponde aos que se apresentam encimados pelo disco solar⁽⁴⁾.

Ao tentar aplicar esta tipologia verificámos, no entanto, que as categorias em que esta tipologia se baseia não são exclusivas. Deste modo, um objecto pode ser simultaneamente classificado como pertencente aos tipos B, C e E. Esta reduzida diferenciação da tipologia de Petrie resulta evidentemente do facto de terem sido utilizados critérios morfológicos e simbólicos no seio da mesma classificação. Assim, analisando em pormenor o papel das representações nos amuletos do coração, pareceu-nos totalmente desaconselhável enveredar por uma tipologia que incluisse categorias relativas à decoração⁽⁵⁾. Tendo em vista a elaboração de uma grelha de classificação unicamente baseada em critérios de ordem morfológica, tornou-se decisivo estabelecer, em primeiro lugar, um vocabulário específico para definir e designar os vários constituintes formais dos amuletos do coração. Definimos assim a seguinte terminologia⁽⁶⁾:



Terminologia morfológica dos constituintes do amuleto do coração.

O topo do amuleto – designa a parte superior do objecto, a qual, em geral, consiste simplesmente numa estrutura destinada a receber um anel de suspensão que permite o uso do amuleto em pulseiras ou colares. No entanto, por vezes, a forma desta estrutura pode assumir a configuração de cabeça humana, de cabeça de animal ou adoptar o formato de um disco solar.

O bordo do amuleto – consiste num vinco, habitualmente gravado em relevo, que divide o topo e o corpo do amuleto. Este bordo pode ser redondo ou quadrangular. Como veremos trata-se de um elemento muito importante na classificação dos amuletos.

As projecções laterais – Estas saliências que enfeitam o corpo do amuleto têm sido habitualmente interpretadas como a evocação dos vasos sanguíneos que ligam o coração ao resto do organismo⁽⁷⁾. Contrariando esta interpretação, Claudia Müller-Winkler defende que estas saliências constituem simples abas musculares que rodeiam o coração⁽⁸⁾. A razão para esta discrepância de opiniões pode residir simplesmente no tipo de amuletos estudados pela autora que apre-

sentam saliências oblongas e em forma de orelha. Contudo, se tivermos em linha de conta a maior parte dos objectos constatamos que estas saliências decalcam na perfeição os vasos sanguíneos e não é senão por uma evolução estilística que adoptam, muito tardiamente, a configuração oblonga descrita pela autora. Trata-se, claramente, de vasos sanguíneos, pelo que adoptaremos no nosso estudo a expressão de «artérias laterais» para designar estas saliências. A forma destas artérias laterais pode ser muito variada e será devidamente categorizada na tipologia que apresentaremos.

O corpo do amuleto – corresponde à região mais volumosa do amuleto, a qual adopta uma configuração oval ou esférica. É nesta zona que são colocadas a maior parte das representações (muitas delas procuram evocar certos pormenores anatómicos como a aurícula ou o ventrículo).

2. Metodologia e grelha de classificação

Primeiro passo: classificar o topo do amuleto





Tipos de amuletos			
Cabeça humana	Cabeça de animal	Disco solar	Estandarizado
			

Tabela de classificação dos amuletos do coração: classificação de acordo com o topo do amuleto.

Dos constituintes do amuleto do coração mencionados anteriormente apenas o topo e o bordo se afiguram decisivos para a diferenciação formal destes objectos. Perante a tarefa de classificar um amuleto, é sobre o topo que deve recair em primeiro lugar a nossa atenção.

Tal análise levar-nos-á a classificar os amuletos em três categorias: amuleto encimado por cabeça humana, por cabeça de animal ou por um disco solar⁽⁹⁾. Se o amuleto não possui nenhum adereço decorativo no topo então estamos perante um topo estandarizado (abrange a larga maioria de objectos cujo topo consiste simplesmente num dispositivo que permite a sua suspensão).

Segundo passo: classificar o bordo do amuleto








Tipo de amuleto	Forma do bordo	Sub-tipo	Sub-categorias	Figura
Vaso	Bordo redondo	Amuleto oco	Amuleto de vidro irisado	
			Amuleto de ouro	
			Amuleto de pedra/cerâmica	
		Amuleto compacto		
Cornija	Bordo quadrangular			
Semente	Sem bordo	Amuleto sem bordo		
	Bordo descaído	Amuleto com bordo descaído		

Tabela de classificação dos amuletos do coração: classificação de acordo com o bordo do amuleto.

O nosso método de classificação só prossegue para os amuletos de topo estandardizado. Para diferenciar a enorme variedade destes amuletos podemos, então, socorrer-nos do bordo, que permite distinguir três grandes categorias de objectos: amuletos de tipo vaso, de tipo cornija e de tipo semente. Vejamos então os critérios que presidem à classificação destes objectos.

Amuleto do tipo vaso. Este tipo de objecto caracteriza-se por ter o bordo redondo⁽¹⁰⁾, habitualmente moldado em relevo e ligeiramente destacado da superfície do amuleto, de modo a sugerir a boca de um vaso⁽¹¹⁾. No que toca a estes amuletos, podemos diferenciá-los em duas sub-categorias: amuletos ocos e compactos. Os objectos compactos constituem a maioria dos amuletos do tipo vaso que, apesar de sugerirem a forma de um vaso, não possuem uma cavidade aberta para o exterior. Os amuletos ocos procuram intensificar a identificação ao vaso através do esvaziamento do interior, o qual comunica com o exterior através de uma abertura (por vezes dissimulada por uma tampa amovível). Apesar de serem pouco numerosos, estes amuletos podem ser muito diversificados, razão pela qual, com base nos materiais utilizados, podemos distinguir três sub-categorias de objectos ocos: amuletos de vidro irisado, amuletos de ouro e amuletos de pedra ou de cerâmica. Os amuleto de vidro irisado são facilmente distinguíveis, apresentando garridas faixas multicolores que criam um belo efeito estético. Todos eles possuem uma perfuração vertical estreita, de forma tubular, que permite a sua suspensão. Os amuletos de ouro são feitos com duas lâminas de metal soldadas entre si, criando uma cavidade que comunica com o exterior através de uma boca idêntica à de um vaso, a qual podia ser dissimulada por uma tampa. Os amuletos de pedra ou de cerâmica apresentam uma cavidade interior bem definida que possibilita o seu uso como receptáculo de substâncias.

Amuleto de tipo cornija. Esta categoria abrange os amuletos que possuem um bordo em forma de polígono. Na maior parte dos casos, a secção é quadrangular. No entanto, em certos amuletos cuja confecção é menos cuidadosa, a secção pode assumir a configuração trapezoidal, ou de qualquer outro polígono. Uma vez que estas variações parecem decorrer mais do acaso da actividade artesanal do que de uma verdadeira intenção de representação, não considerámos pertinente criar sub-categorias que diferenciasssem os amuletos de acordo com estas características.

Amuleto de tipo semente. Esta categoria reúne todos os amuletos que não possuem bordo (nestes casos o amuleto apresenta o anel de suspensão directamente aplicado sobre o corpo) ou cujo bordo

se apresenta revirado para baixo (estes amuletos podem, por vezes, ser confundidos com o amuleto que evoca a lua cheia e o crescente, mas distinguem-se destes objectos pelo facto de não serem achatados e de, pelo contrário, se mostrarem volumosos, sugerindo a forma de um fruto)⁽¹²⁾. Em ambos os casos, o corpo do amuleto apresenta uma configuração afilada, que confere ao amuleto a forma de uma semente.

Terceiro passo: classificar as artérias laterais



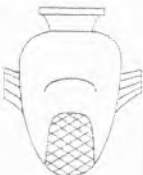


Tipos de artérias laterais				
Amuleto sem artérias laterais	Artérias em botão	Artérias de tipo «hieroglífico»	Artérias em forma de orelha	Artérias oblongas
				

Tabela de classificação das artérias laterais.

A caracterização formal dos amuletos pode ainda prosseguir se tivermos em atenção a configuração das artérias laterais⁽¹³⁾. Podemos assim distinguir quatro tipos diferentes de artérias laterais:

Artérias laterais em forma de botão. Estas saliências são de pequenas dimensões e pouco se diferenciam do corpo do amuleto. Têm a forma de pequenos botões acoplados à parte superior do corpo do amuleto.

Artérias laterais de tipo «hieroglífico». Estas formações imitam as artérias laterais patentes no hieróglifo *ib* que é usado para escrever a palavra coração. Nos exemplares mais elaborados, as artérias são adornadas com estrias oblíquas.

Artérias laterais em forma de orelha. Em geral estas artérias são bastante acentuadas, demarcando-se claramente do corpo do amuleto. O perfil destas abas lembra, por vezes, o recorte sinuoso de uma orelha. Ao contrário das anteriores, estas saliências tendem a acompanhar uma grande parte do corpo do amuleto, prolongando-se, por vezes, até à sua base.

Artérias laterais oblongas. Embora sejam longas, estas saliências não se destacam muito do corpo do amuleto.

3. A caracterização dos amuletos do coração

Antes de iniciar a caracterização de cada um dos tipos do amuleto cordiforme convém referir que, apesar das *nuances* estilísticas ou formais, todos estes amuletos têm um ponto em comum: o seu significado primordial relaciona-se com o poder da vida que, de acordo com as crenças antropológicas egípcias, se acreditava estar sediado neste órgão. É geralmente aceite que o amuleto cordiforme representava o coração do touro⁽¹⁴⁾, devido ao papel que o órgão deste animal desempenhava nas cerimónias rituais onde simbolizava o poder da vida. No entanto, esta realidade anatómica pode ser totalmente secundada em função de outras imagens metafóricas.

Com estas observações em mente podemos agora iniciar a caracterização de cada um dos tipos de amuletos identificados.

3.1 Amuletos do coração de tipo vaso

Amuletos ocios

Amuletos de vidro irisado

Os amuletos de vidro irisado, facilmente identificáveis pelo seu aspecto garrido e atractivo, são datáveis da XVIII dinastia (1550-1305 a. C.), sobretudo do reinado de Amen-hotep III (1390-1352 a. C.), período que conheceu uma expansão inusitada da produção de artigos de luxo feitos em vidro colorido⁽¹⁵⁾.

Estes amuletos têm, em geral, pequenas dimensões, medindo cerca de 2,0 cm. Um furo vertical de forma tubular permitia a sua sustentação através da introdução de uma agulheta de ouro equipada com um anel de suspensão. Quase todos apresentam artérias laterais em forma de botão. As faixas coloridas que decoram o corpo do amuleto apresentam uma grande variedade de cores mas as mais frequentes são o branco, o azul escuro e o amarelo. O fundo tende a ser escuro, permitindo assim a criação de um belo efeito contrastante. As cores são habitualmente aplicadas em faixas coloridas criando motivos em ziguezague ou em espirais. Este tipo de aplicação não difere portanto da decoração habitualmente observável nos objectos de vidro deste período.

A maior parte destes amuletos tem, evidentemente, uma proveniência funerária. No entanto, embora fossem transportados para o túmulo, é de crer que estes amuletos não tenham sido produzidos com uma finalidade funerária, já que se apresentam totalmente desprovi-

dos de símbolos religiosos, tão típicos dos objectos confeccionados especificamente para a existência do Além. Mais provável é que tenham sido usados em vida, suspensos em pulseiras ou colares, como um artigo de luxo, apenas acessível à elite abastada que prosperou ao longo da segunda metade da XVIII dinastia.

Amuletos de ouro

A raridade de objectos pertencentes a esta categoria não facilita a sua datação, sobretudo nos casos, infelizmente mais comuns, em que não existe qualquer registo arqueológico que possibilite a sua contextualização⁽¹⁶⁾. Algumas excepções permitem-nos, ainda assim, esboçar as linhas gerais de um quadro evolutivo. O exemplar mais antigo que conhecemos remonta ao Império Médio (2055-1650 a. C.), ao reinado de Nebhetepré Mentuhotep II (2055-2004 a. C.). O Império Novo (1550-1069 a. C.) parece ter sido, no entanto, o momento em que este tipo de objectos mais floresceu, sobretudo no período ramsésida, muito embora também tivesse sido produzido na Época Greco-Romana (332 a. C- 395).

Do ponto de vista formal, estes amuletos procuravam imitar um vaso criando uma abertura no topo que podia ser oculta por uma tampa⁽¹⁷⁾. Em média estes amuletos medem cerca de 2,0 cm. A técnica usada para a suspensão destes amuletos é excepcionalmente diversificada. Além do habitual anel de suspensão, também uma barrinha de ouro, colocada horizontalmente na boca do amuleto, podia permitir a suspensão do objecto. Outro recurso mais prosaico consistia em suspender o amuleto através de dois furinhos posicionados nas artérias laterais do amuleto.

A função destes objectos não é clara. Certas representações mostram que, em alguns casos, podem ter tido uma função essencialmente distintiva com um forte significado político, associado à atribuição de privilégios reais⁽¹⁸⁾.

Amuletos de pedra ou de cerâmica

Embora, como no caso anterior, não seja fácil datar com exactidão estes amuletos, a XXI dinastia (1069-945 a. C.) e a Época Baixa (664-332 a. C.) parecem ser os momentos que mais os valorizaram. A pedra e sobretudo a faiança foram utilizados para produzir peças verdadeiramente excepcionais. Com dimensões próximas dos 5,0 cm, estes amuletos são, em geral, cuidadosamente manufacturados apresentando um claro propósito ritual. Alguns exemplares parecem ter sido feitos

para imitar uma sítula: apresentam uma alça metálica encaixada em dois furos situados na abertura do amuleto, possibilitando a sua suspensão num suporte fixo, talvez um tripé, que o mantinha em posição vertical. Outros amuletos têm uma base de sustentação, à semelhança de uma estátua, denotando assim um uso votivo⁽¹⁹⁾.

O peso e as dimensões assinaláveis destes amuletos afastam a possibilidade de terem sido usados como adorno, pelo que a sua função foi sobretudo ritual e funerária. Apesar do seu pequeno número, o valor documental deste tipo de amuletos do coração é precioso, já que levam ao limite a identificação do coração ao vaso de oferenda. A cavidade, em geral bem delineada, revela que a sua principal função era certamente a de guardar uma substância, em pó ou em estado líquido, com um evidente valor simbólico ou ritual. Estes amuletos poderiam assim guardar uma substância ritual, provavelmente um unguento, que simbolizaria a purificação da consciência necessária para a sobrevivência no Além.

O simbolismo destes objectos parece ter sido muito rico do ponto de vista religioso e relacionava-se certamente com o despertar da consciência no mundo inferior. Para além do tesouro espiritual que corporizavam, estes objectos são preciosidades artísticas de pleno direito: a sua manufactura cuidadosa, a utilização de pedras duras e o próprio esmero da decoração fazem destes objectos autênticas obras-primas.

Amuletos compactos

Os amuletos compactos são, de longe, os mais habituais mas, apesar dessa abundância, a sua datação pode revelar-se problemática, já que os registos museológicos não fornecem, em geral, dados esclarecedores para a maior parte destes objectos. As escassas informações disponíveis permitem, ainda assim, sugerir o seguinte quadro temporal. Os amuletos mais antigos remontam aos finais do Império Antigo, mais precisamente à VI dinastia (2345-2181 a. C.), onde conheceram um certo florescimento⁽²⁰⁾. As ocorrências deste amuleto no Império Médio são mais raras. Na XVIII dinastia, bem como no período ramsésida (1305-1069 a. C.), o amuleto voltou a conhecer uma certa difusão. Na XXI dinastia e, em especial, na Época Baixa e na Época Greco-Romana este tipo de amuleto tornou-se extremamente comum.

Uma enorme variedade de materiais foram utilizados na confecção destes objectos. Identificámos cerca de trinta materiais diferentes, sendo a utilização da pedra claramente maioritária (cerca de vinte

variedades de pedra foram identificadas). A pedra mais abundante é a cornalina, sobretudo na Época Baixa. Nas suas variedades vermelha, castanha e verde, o jaspe é a segunda pedra mais utilizada. Também o lápis-lazúli se destaca das restantes pedras. O quartzo, o pórfiro, a brecha e o calcário são identificados numa percentagem mais reduzida. Pedras como a calcite, a esteatite, a hematite, o basalto, a ágata, o mármore e o feldspato são encontrados ainda mais raramente. Por fim, pedras como a amazonite, a ametista, o arenito, o cristal de rocha, o granito e a obsidiana apenas ocasionalmente foram utilizados nestes objectos.

Contrastando com a grande utilização da pedra, os metais têm um uso minoritário. Ainda assim, nesta categoria de matérias-primas, o ouro é o material mais abundante sendo, por vezes, aplicado sob a forma de uma folha colocada sobre um suporte de pedra ou de madeira. O bronze e o *electrum*, uma liga natural de ouro e de prata, mereceram uma utilização mais ocasional.

A faiança, a argila e sobretudo o vidro foram igualmente muito utilizados. Materiais tão simples como a cera de abelha também contribuíram, embora numa quantidade muito diminuta, para a produção destes amuletos.

Se a análise dos materiais mostra que a cornalina, o jaspe e o lápis-lazúli são, de longe, os materiais mais utilizados, a grande variedade dos materiais empregues revela, por outro lado, que o valor simbólico do amuleto se sobrepunha largamente ao dos materiais. Desta forma, sobretudo ao popularizar-se, o amuleto foi produzido em qualquer material. O mais importante parece ter permanecido o seu significado.⁽²¹⁾ Em resultado dos materiais utilizados, as cores mais frequentes são naturalmente o vermelho, mas também o verde e o azul. No rico universo dos minerais, as diferentes pedras compunham uma linguagem simbólica bastante elaborada. A cornalina e o jaspe vermelho eram alusivas ao sangue, a própria essência da vida. O jaspe verde, por outro lado, evocava a vegetação tenra que brotava depois da inundação, simbolizando a renovação da vida. O lápis-lazúli e a sua cor escura aludiam ao céu nocturno, enquanto a turquesa e o feldspato evocavam as águas dadoras de vida do Nilo⁽²²⁾. A paleta de cores patente nestes amuletos estende-se naturalmente a todas as cores do espectro visível, mas nos restantes casos a cor parece mais o reflexo directo do material utilizado do que resultante de uma busca intencional.

Embora a medida média destes objectos se fique pelo 2,0 cm, alguns deles podem atingir os 8,5 cm. O anel de suspensão está quase sempre presente, mas um simples furo no topo ou no corpo do

amuleto também podia permitir a sua suspensão. Os amuletos do coração compactos destinavam-se, com certeza, a ser usados com intuitos profiláticos na vida quotidiana. A sua pequena dimensão permitia que fossem colocados em colares ou pulseiras e a grande variedade de cores contribuía certamente para intensificar o seu efeito estético e mágico. Quando colocados nas múmias, estes objectos continuavam, na vida do Além, a exercer a protecção que tinham garantido em vida. O uso, a partir da XVIII dinastia, de símbolos funerários na decoração destes amuletos, indicia uma distinção entre os objectos produzidos exclusivamente para serem utilizados no horizonte funerário e aqueles que eram feitos para serem usados nos dois mundos. Libertos dos constrangimentos que o seu uso provocaria na vida quotidiana, os amuletos estritamente funerários, de maiores dimensões, dispunham de mais espaço para a imagem e para a escrita, os principais vectores de expressão da magia.

O uso exclusivamente funerário dos amuletos também possibilitou, sobretudo na Época Baixa, quando o número de amuletos enfiados nas múmias aumentou, que certos «descuidos» fossem permitidos, como a não perfuração do anel de suspensão, algo que seria aberrante noutras circunstâncias.

Constituindo o modelo mais comum de amuletos do coração, é nesta categoria de objectos que é mais visível a experimentação dos artesãos na criação de soluções singulares que provavelmente estiveram na base da criação dos restantes tipos de amuletos. Os amuletos compactos são, no nosso ponto de vista, a grande matriz a partir da qual emergiram todas as outras formas de amuletos. Portanto, num certo sentido, todos os restantes tipos de amuletos podem ser vistos como particularizações do vaso cordiforme.

Resta-nos ainda clarificar a origem deste amuleto. Como já referimos, os amuletos tipo vaso compacto remontam ao Império Antigo. No entanto, pelo menos nos exemplares que estudámos, não é visível uma relação directa entre os amuletos do Império Antigo e a simbólica do coração. Estes amuletos têm a forma, não tanto de um coração, mas antes de um vaso de oferendas, constituindo a transposição, para três dimensões, do bem conhecido hieróglifo *nu*, que representa a taça através da qual se realizavam as oferendas de água, vitais para o culto funerário⁽²³⁾. Este hieróglifo tem, deste modo, importantes conotações com a regeneração da vida, razão pela qual terá sido investido com funções profiláticas⁽²⁴⁾. Foi apenas no dealbar do Império Médio que se assistiu a uma identificação entre o amuleto do vaso de oferendas e o coração, já que foi nesta época que apareceram os

primeiros exemplares munidos de artérias laterais, identificando claramente o coração⁽²⁵⁾. A razão para se estabelecer uma convergência entre o coração e o vaso de oferendas deve ser procurada no imaginário religioso relacionado com a água e com o seu papel na manutenção da vida física e espiritual⁽²⁶⁾. Tal como um vaso que nada vale por si mesmo, mas sim pelo conteúdo que guarda, o coração humano transforma-se em função das emoções e dos pensamentos que o habitam. Ao preencher o seu coração com emoções e pensamentos positivos, ou seja, com os preceitos que regem a ordem cósmica, o homem purifica-se e regenera-se. Caso contrário, o indivíduo cava a sua própria perdição. O amuleto pode assim ter nascido como um símbolo destinado a veicular um ideal moral que, no alvorecer do Império Médio, se afigurava muito importante e que consistia em alertar cada homem para a sua responsabilidade na manutenção da ordem cósmica. Para isso era necessário empreender uma transformação do coração de modo a dotá-lo dos preceitos da *maet*. A relação com o julgamento dos mortos, onde o coração se afigura como o alvo do exame judicial, parece evidente, já que é esta transformação do coração que permite obter um resultado favorável na psicostasia. O amuleto simbolizava ainda o valor apotropaico dessa regeneração, já que era a interiorização dos preceitos da *maet* que garantia a protecção do indivíduo, tanto na vida terrena como no Além.

3.2. Amuletos do coração de tipo cornija

Embora, durante o Império Novo, tenham começado a surgir alguns amuletos que lembram os de tipo cornija⁽²⁷⁾, foi apenas a partir do Terceiro Período Intermediário que surgiram os primeiros verdadeiros exemplares deste tipo de objectos.

A Época Baixa e a Época Greco-Romana foram os momentos que registaram a maior difusão deste tipo de amuletos, que apresentam uma cornija bem destacada, elevando-se muito acima do corpo do amuleto.

As pequenas dimensões destes amuletos (cerca de 3,0 cm), bem como o uso muito difundido do anel de suspensão, indicam claramente que a finalidade destes amuletos se relacionava com o adorno corporal e a sua protecção mágica. Como acontecia frequentemente, estes amuletos foram confeccionados para poderem ser usados durante a vida terrena e no Além. O facto de certos amuletos não apresentarem o anel de suspensão perfurado indica que eram produzidos tendo em vista um uso exclusivamente funerário⁽²⁸⁾.

O material mais utilizado para a produção dos amuletos de tipo cornija foi a pedra, como o lápis-lazúli, a cornalina e o jaspe. Além da pedra, também foram muito usados a faiança e o vidro, materiais que, com a ajuda de moldes, se afiguraram indicados para a produção em larga escala (alguns exibem a face posterior achatada, evidenciando ainda as marcas de espátulas usadas para uniformizar a superfície). Apesar destes amuletos terem uma execução tosca e descuidada, testemunham um dado importantíssimo: a produção em massa demonstra o forte interesse que uma grande parte da população nutria pelo objecto. Curiosamente, a vulgarização deste amuleto não impediu que continuassem a ser manufacturados exemplares preciosos destinados a serem usados pela elite mais abastada⁽²⁹⁾.

Em suma, a datação tardia da maior parte dos amuletos de tipo cornija aponta para uma «invenção» que deve ter ocorrido ao longo do período ramsésida mas que ganhou projecção apenas a partir do Terceiro Período Intermediário. De acordo com a nossa hipótese, o significado destes amuletos prende-se com a configuração da cornija, a qual sugere a identificação do coração com um templo onde o poder das divindades irradiava para o ser humano⁽³⁰⁾.

3.3. Amuletos do coração de tipo semente

Amuletos sem bordo

Os mais antigos exemplares dos amuletos do coração de tipo semente sem bordo remontam à XVIII dinastia e a sua produção continuou até à Época Greco-Romana. Uma gama bastante diversificada de matérias primas foi usada na produção destes objectos. A proveniência real ou sacerdotal de muitos destes objectos explica a utilização de materiais precisos como o ouro, ou pedras dispendiosas como a cornalina ou o lápis-lazúli. Embora mais raramente, outras pedras como a esteatite, o xisto e a brecha também se perfilam entre os materiais usados, bem como a faiança e o vidro.

A dimensão média destes amuletos atinge os 4,5 cm, uma medida superior à maior parte dos amuletos de tipo vaso ou de tipo cornija. Pelas suas dimensões e peso, alguns destes amuletos não puderam ser usados como peças de adorno corporal⁽³¹⁾. Curiosamente, uma grande parte deste tipo de amuletos eram usados na vida quotidiana em instrumentos de medição, como balanças, relógios de sol ou instrumentos para o nivelamento das estruturas arquitectónicas. Estas aplicações de ordem prática não impediram, no entanto, que também

fossem usados no contexto funerário, como indicam as inscrições e representações patentes em alguns deles.

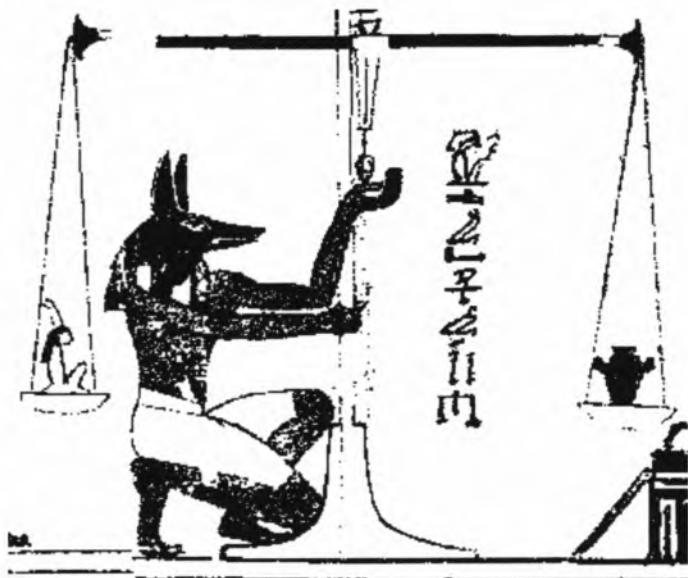
Um traço estilístico que distingue estes amuletos é o de apresentarem um corpo afilado que lhes confere a forma de uma semente. O paralelismo que se estabelecia entre a semente e o coração transparece, por exemplo, no *Conto dos Dois Irmãos*, onde o coração surge como uma semente capaz de proporcionar o renascimento do indivíduo. Estaremos, diante destes amuletos, perante uma materialização desta ideia? O rico ideário religioso figurado nestes amuletos não contradiz tal interpretação.

Embora a simbólica funerária do coração convirja espontaneamente para a caracterização do coração como uma semente, a origem do amuleto de tipo semente deve residir em razões de ordem prática. A necessidade de dotar os instrumentos de medida com um pêndulo pontiagudo que reunisse a eficácia funcional e mágica deve ter conduzido a uma estilização do amuleto do coração de modo a que melhor pudesse desempenhar esta função. Conseguia-se assim uma forma eficaz, já que a configuração afilada aperfeiçoava o instrumento, e acrescentava um símbolo relevante, dado que o coração constituía uma advertência ao rigor da medição, e esta tarefa era, em última análise, garantida pelo coração do escriba, que manuseava os instrumentos de medida.

O jogo de ressonâncias de ordem religiosa não se fica por aqui, sobretudo se tivermos em consideração a importância destes actos na sociedade burocrática do antigo Egipto. O rigor e a verdade das medições estavam na base da justiça, razão pela qual constituía um dos aspectos focados pela «confissão negativa»:

Nada acrescentei ao peso da balança
Não falseei o peso da balança⁽³²⁾

Deste modo, através de um paralelismo subtil, o amuleto do coração advertia os que manipulavam estes instrumentos para uma outra medição que seria feita no Além. Com efeito, a balança da psicostasia também era dotada com o amuleto cordiforme afilado, em forma de semente, sublinhando a sua forte associação ao imaginário da psicostasia⁽³³⁾. Deste modo, sobretudo quando era usado no contexto funerário, o amuleto de tipo semente lembrava a medida de verdade e justiça que animava a balança do julgamento dos mortos e da qual, em última instância, dependia a sua vida no Além.



Vinheta da psicostasia. Note-se que o fiel da balança apresenta a configuração típica de semente.

Amuletos com bordo descaído

Pouco numerosos, a maior parte destes objectos é, certamente, datada da Época Baixa ou de períodos posteriores. O material mais usado é a madeira, coberta com folha de ouro ou pintura, embora o vidro, a faiança e também a pedra possam ser encontrados na constituição destes objectos. A dimensão média destes amuletos atinge os 2,5 cm. Embora de pequenas dimensões, a delicada folha de ouro ou a pintura que os cobre, sugere um uso exclusivamente funerário.

A origem do bordo descaído é desconhecida mas parece derivar de uma decoração, patente em certos amuletos da XVIII dinastia, que consistia em desenhar duas estrias que sugerem abas musculares. A forma distintiva do bordo parece revestir-se de um simbolismo específico. A semelhança com o crescente lunar parece irresistível, mas o seu significado parece ser outro, como sugerem as vinhetas que, na Época Baixa, acompanhavam o capítulo 28 do «Livro dos Mortos». Estas ilustrações apresentam amuletos do coração com uma configuração semelhante à do amuleto de bordo descaído.



Vinheta do capítulo 28 do «Livro dos Mortos».

Neste texto, o defunto identifica-se com a flor primordial de modo a proteger-se contra os inimigos da luz e da ordem cósmica:

Oh, leão, eu sou a flor *nub!* (...) Que o meu coração não me seja removido pelos combatentes em Heliópolis! (...) Eu sou alguém que (o deus) fez proeminente (...), revigoraí o meu poder contra todos os que me abominam⁽³⁴⁾

A vinheta ilustra, a identificação do defunto com o princípio solar, associando o coração à flor de ouro, a flor primordial. Esta representação, circunscrita ao contexto da literatura funerária, pode ter constituído uma inovação iconográfica destinada a veicular a identificação entre o coração e a referida flor de ouro. O resultado desta identificação seria garantir a protecção mágica do coração contra os inimigos da luz⁽³⁵⁾. Esta interpretação é reforçada pelo uso vincadamente funerário destes objectos.

3.4. Amuleto do coração encimado por disco solar

Embora a maior parte deste tipo de amuletos não possa ser datada com segurança, estes objectos parecem ter sido produzidos na Época Baixa. A sua raridade indica que tiveram uma utilização muito restrita.

A complexidade do amuleto exigiu a utilização de materiais facilmente moldáveis, como a faiança, o vidro e a folha de ouro. A dimensão média destes objectos atinge os 3,5 cm. Em geral, o seu bordo de delimitação é quadrangular, constituindo assim uma derivação do amuleto de tipo cornija.

Apesar de não possuírem dimensões que impossibilitem o seu uso como adorno pessoal, estes objectos devem ter tido uma utilização quase exclusivamente funerária. O anel de suspensão está, em alguns casos, posicionado na face posterior do disco solar. Uma perfuração horizontal no corpo (patente em três amuletos) ou no disco podia ajudar a fixar o objecto às faixas da múmia.

A ideia de identificar o coração ao sol, patente pelo menos em estado latente desde a XIX dinastia, atingiu na Época Baixa a sua expressão plena através da utilização deste novo tipo de amuleto do coração que representava o sol a emergir do coração, tido aqui como o templo do homem. O uso de materiais como o ouro, pode ter constituído uma forma de sublinhar a ligação deste amuleto à luz solar e ao seu valor espiritual na vida humana, em particular no Além.

3.5. Amuleto do coração encimado por cabeça humana

Os amuletos encimados por cabeça humana podem ter começado a ser produzidos nos finais da XVIII dinastia mas foi no início da XIX dinastia que a sua presença se tornou mais significativa.⁽³⁶⁾ Entre os materiais usados na produção destes amuletos salientam-se a faiança e o vidro, mas também certas pedras de tonalidade esverdeada como a esteatite, a serpentina e o xisto⁽³⁷⁾. A julgar pelos materiais nobres e pela proeza técnica exigida para a sua execução, a posse deste tipo de amuletos deve ter constituído um privilégio. É, no entanto, curioso que não se conheçam exemplares de origem real⁽³⁸⁾.

Os amuletos encimados por cabeça humana apresentam uma dimensão apreciável, atingindo, em média, os 6,5 cm, mas alguns chegam a medir 18 cm, uma dimensão verdadeiramente excepcional. A dimensão e o peso destes amuletos, bem como o rico programa iconográfico, indicam uma utilização funerária. Os amuletos do período ramsésida, apresentam uma perfuração horizontal na cabeça que permitia a sua fixação à múmia. Alguns destes objectos podem ter tido uma utilização equivalente ao escaravelho do coração⁽³⁹⁾.

No período ramsésida os amuletos do coração encimados por cabeça humana foram utilizados como um amuleto funerário evocativo do coração deificado do defunto. Estes objectos ilustravam o peso e o valor que a consciência individual tinha passado a desempenhar na relação com a divindade⁽⁴⁰⁾. Os símbolos solares que decoram o amuleto (como a ave *benu*, o escaravelho alado e os próprios deuses Ré e Osíris, representados em paralelo e reunidos no coração) contribuem para caracterizar o defunto renascido como uma divindade solar. O amuleto constitui, deste modo, uma súplica das principais ideias religio-

sas que animavam as crenças no Além representando o defunto reanimado, associado aos mistérios da regeneração de Ré e da ressurreição de Osíris⁽⁴¹⁾.

Depois do Terceiro Período Intermediário (1069-664 a. C.), este amuleto caiu em desuso para não voltar a ser recuperado⁽⁴²⁾.

3.6. Amuleto do coração encimado por cabeça de animal

Estes amuletos tiveram um uso muito circunscrito e constituem autênticas raridades. Feitos de pedra, a proeza técnica exigida para a sua execução está certamente na base da sua raridade e a sua produção deve ter-se mantido muito limitada, a julgar pela escassez de exemplares encontrados.⁽⁴³⁾

Quanto ao simbolismo, estas peças não podem ser senão alusões a divindades. O artesão socorreu-se aqui, tal como nos amuletos encimados por cabeça humana, de um recurso recorrente na arte egípcia que consiste em «animar» os objectos atribuindo-lhes uma cabeça que o tipifica com uma qualidade específica.

Nos exemplares patentes na nossa amostra o vaso do coração apresenta a cabeça do babuíno e de um canídeo. Estes atributos podem evocar, no primeiro caso, Tot ou Hapi e, no segundo caso, Anúbis ou Duamutef ou ainda Uepuauet. Das possibilidades apontadas, a hipótese de constituírem a evocação dos quatro filhos de Hórus parece verosímil. Note-se que a própria configuração dos amuletos, sob a forma de vaso, segue a dos vasos de vísceras, constituindo possivelmente a miniaturização destes objectos⁽⁴⁴⁾.

Não é de excluir também a hipótese de estarmos perante um tipo de amuletos que procurava estabelecer uma identificação entre o defunto e outros deuses. A identificação com Tot e Anúbis é igualmente provável uma vez que estes deuses desempenhavam um papel importante na psicostasia.

3.7. Caracterização das artérias laterais

Embora as artérias laterais não sejam relevantes para distinguir os amuletos, elas proporcionam um contributo decisivo para ajudar a datar um objecto. As artérias laterais em botão podem remontar ao Império Médio e foram especialmente usadas no início da XVIII dinastia. As artérias laterais de tipo «hieroglífico» começaram a surgir a partir de meados da XVIII dinastia e constituem um motivo recorrentemente utilizado até à ocupação greco-romana.

As artérias laterais em forma de orelha fizeram a sua aparição na XXI dinastia mas só a partir da Época Baixa é que se começam a destacar do corpo do amuleto. Também nesta época se diferenciaram as artérias oblongas que pouco se afastam do corpo do amuleto.

Excepcionalmente, as artérias laterais podem ser transformadas em braços. Num amuleto da Época Baixa, os braços transportam uma oferenda. Trata-se de um artifício bem conhecido pelos artesãos egípcios que desse modo assinalavam que esse objecto era uma personificação⁽⁴⁵⁾. Uma vez que os braços seguram uma taça, símbolo das oferendas divinas, percebemos, enfim, que o amuleto evocava o coração como uma entidade autónoma que apresenta oferendas perante a divindade⁽⁴⁶⁾.

Já os amuletos sem artérias laterais não constituem uma grande ajuda para a datação dos objectos pois eles podem ser encontrados desde o Império Antigo (nos amuletos vasos *stricto sensu*) até à Época Greco-Romana.

Os motivos decorativos das artérias, as estrias e o recorte em serrilha, surgem com mais frequência na Época Baixa. As estrias são elementos decorativos comuns, mas o recorte serrilhado tende a ser mais utilizado nas artérias laterais em forma de orelha.

4. O simbolismo e evolução dos amuletos do coração: conclusões preliminares⁽⁴⁷⁾

Como vimos, os exemplares mais antigos de amuletos do coração possuem a configuração de um vaso de oferendas e remontam ao Império Antigo. Embora, nos períodos subsequentes, esta forma tenha sido utilizada nos amuletos do coração, nada indica que, nesta época recuada, estes amuletos fossem já encarados como representações do coração. Na verdade, nem a sua forma nem o contexto arqueológico em que estes objectos foram encontrados apontam para uma relação directa com o coração, por isso, enquanto não surgirem novos elementos, parece-nos mais prudente encará-los como amuletos que representavam vasos de oferendas.

Foi apenas a partir do Império Médio que a relação entre o coração e o amuleto em forma de vaso se tornou explícita, com a introdução das artérias laterais em forma de botão. Este tipo de amuletos ilustra, do nosso ponto de vista, uma mensagem religiosa de extraordinária importância. Tal como o vaso se enchia de água regeneradora, também o coração humano devia receber pensamentos e

emoções que o enchessem com a sabedoria que reflectia a ordem cósmica⁽⁴⁸⁾. Ao fazê-lo, o coração garantia uma protecção eficaz que se concretizava na vida terrena e se perpetuava na vida do Além já que dessa transformação regeneradora dependia o resultado da psicostasia⁽⁴⁹⁾.

Os dados arqueológicos recolhidos indicam que, até ao início da XVIII dinastia, apenas este tipo de amuletos foi elaborado e que o seu uso estava circunscrito ao topo da elite egípcia, nomeadamente à família real.

Na XVIII dinastia, surgiram os amuletos de vidro irisado, que conheceram uma grande difusão entre as classes mais abastadas. Os amuletos de tipo semente sem bordo também conheceram um apreciável aumento, reflectindo talvez uma preocupação crescente com a psicostasia.

O período ramsésida marcou um florescimento na produção dos amuletos do coração que, para além de se tornarem mais numerosos, adoptaram formas mais elaboradas e aumentaram de tamanho, estabelecendo-se um certo paralelismo com a função mágica dos escarvalhos do coração. Os amuletos encimados por cabeça humana, são exemplificativos desta tendência, representando o despertar do defunto através da associação ao mistério da ressurreição de Osíris e da regeneração de Ré. Outra inovação deste período foram os amuletos encimados pela cabeça de um animal que reflectiam, de igual modo, a preocupação em colocar o coração sob a acção protectora de uma divindade. Note-se que, nesta fase, o imaginário destes objectos se deslocou da mensagem religiosa mais abrangente que possuía inicialmente para se focar na psicostasia e na vida do Além. Esta transferência deveu-se possivelmente a uma mudança do contexto de utilização, já que, inicialmente, os amuletos de tipo vaso eram provavelmente usados em vida, ao passo que os novos tipos de amuletos cordiformes teriam tido um uso exclusivamente funerário.

A partir da Época Baixa surgiram novos tipos de amuletos do coração. O amuleto de tipo cornija tornou-se preponderante e, na Época Greco-Romana, constituía o amuleto cordiforme mais comum. Embora também tivesse uma utilização funerária, este tipo de amuletos possuía uma mensagem religiosa mais abrangente, que «actualizava» aquela que estava presente no amuleto de tipo vaso. Nesta fase, não bastava admitir que a consciência era um vaso que recebia os ensinamentos divinos capazes de o regenerar (uma metáfora para o valor cósmico da sabedoria). O amuleto de tipo cornija comparava o coração a um templo onde o deus residia em cada homem. O amu-

leto encimado por um disco solar parece ter constituído uma especialização funerária dos amuletos de tipo cornija já que, no essencial, reflectia a mesma crença: o coração era identificado ao sol e, sob essa forma, renascia no Além. Um novo tipo de amuleto de tipo semente, ostentando um bordo descaído, também apresentava preocupações de ordem funerária, identificando o coração à flor primordial.

A par destes modelos inovadores, o amuleto de tipo vaso continuou sempre a ser prodigamente utilizado. No cômputo geral, a Época Baixa foi a idade de ouro dos amuletos cordiformes. A par de exemplares luxuosos de esmerada execução, foram produzidos, em massa, amuletos feitos em materiais baratos e destinados a um uso muito pródigo no enfaixamento das múmias.

Em suma, o sucesso e a difusão que os amuletos do coração conheceram justifica-se pela riqueza e centralidade do seu significado que, longe de se ter mantido estático, conheceu uma permanente actualização, cunhando estes amuletos com um valor profiláctico dotado de uma grande abrangência. Embora o seu significado primordial se tivesse reportado sempre ao poder da vida, esta interpretação de base foi matizada com leituras de cariz espiritual que foram sendo acrescentadas ao longo do tempo. Começando por ilustrar o poder da vida, o amuleto ganhou uma primeira interpretação moral ao identificar-se com o vaso de oferendas. Nesta etapa, o amuleto simbolizava a regeneração espiritual do homem, através da equivalência simbólica entre a água e os preceitos da *maet*, que assim se afiguravam como uma fonte de vida eterna. Ao fazer esta correspondência, o amuleto prolongava a sua actuação para o horizonte funerário, canalizando a sua acção apotropaica sobre o momento da psicostasia. Sem perder as conotações anteriores, com o tempo, o amuleto tornou-se evocativo dos poderes da vida que deus manifestava no coração do homem e que lhe permitiam aceder à imortalidade. A acção apotropaica do amuleto, sempre relacionada com a exaltação da vida, inscreveu-se numa trilogia que abrangia o poder da vida, a regeneração e a imortalidade.

Notas

⁽¹⁾ Este artigo foi redigido a partir de uma comunicação apresentada no *IX International Congress of Egyptologists*, que decorreu em Setembro de 2004 em Grenoble.

⁽²⁾ Resumimos, neste artigo, uma parte da pesquisa que efectuámos sobre um conjunto de cerca de oitocentos objectos estudados no Museu Egípcio do Cairo, no Museu do Louvre, no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e noutras instituições museológicas. Incluí-

mos no nosso estudo alguns amuletos cordiformes conservados em Portugal, os quais podem ser admirados no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Para o amuleto conservado no Museu Nacional de Arqueologia ver L. ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, p. 266.

(3) F. PETRIE, *Amulets*, p. 10.

(4) Separadamente, numa outra categoria de objectos, F. Petrie faz ainda referência aos amuletos que denomina de «coração de Osíris», aludindo ao vaso sagrado venerado em Athribis. Estes amuletos são representados com uma cabeça humana e são, na sua óptica, representações do coração de Osíris. Note-se que Petrie abrange nesta designação todos os amuletos com esta configuração, desde o Império Novo à Época Greco-Romana. Ver *Ibidem*, p. 36

(5) As temáticas decorativas são transversais a todos os tipos de objectos identificados através da tipologia morfológica. Embora tivéssemos estudado as representações patentes nestes amuletos, para não alongar demasiado a nossa exposição excluímos deste artigo a sua análise.

(6) Embora com alterações, a nossa terminologia teve em consideração aquela que é proposta em C. MÜLLER-WINKLER, *Amulette*, p. 212.

(7) C. ANDREWS, *Amulets*, p. 72.

(8) C. MÜLLER-WINKLER, *Amulette*, p. 212.

(9) É possível que novas categorias possam vir a ser acrescentadas se forem encontrados objectos, certamente raros e numericamente pouco expressivos, que apresentem outro tipo de representações no topo.

(10) Em certos amuletos, quando o artífice achatou o objecto para obter uma boa superfície para a escrita, o bordo também foi achatado perdendo o seu aspecto curvo para obter uma configuração rectangular. Trata-se, nestes casos, de uma deformação resultante da adaptação do objecto à função de suporte de escrita.

(11) Em alguns casos, sobretudo quando não têm artérias laterais, pode ser difícil distinguir os amuletos do coração de tipo vaso dos amuletos vaso em *stricto sensu*. Carol Andrews, por exemplo, distingue os amuletos que evocam os vasos *nu* e não estabelece qualquer ligação entre estes objectos e o coração. Ver C. ANDREWS, *Amulets*, pp. 94-95. Não é esta a nossa perspectiva já que, em épocas posteriores ao Império Antigo, os amuletos em forma de vaso *nu* são quase sempre evocativos do coração.

(12) Carol Andrews, por exemplo, não distingue estas duas categorias de objectos. Ver *Ibidem*, p. 88.

(13) No entanto, ao contrário dos componentes anteriormente discutidos (o topo e o bordo do amuleto), a forma das projecções laterais não é determinante para isolar nenhum tipo de amuletos.

(14) Ver C. ANDREWS, *Amulets*, p. 72.

(15) Apesar da produção de artigos de vidro utilizar como matéria prima um material banal no Egipto – a areia – muitos dos corantes eram importados o que tornava a sua produção muito dispendiosa. O cobre, utilizado para os azuis de tonalidade clara, os verdes e mesmo os vermelhos era proveniente do Sinai ou da Ásia. O chumbo, usado para criar opacidade no vidro e torná-lo branco, era proveniente da Grécia. O cobalto, usado nos azuis escuros, vinha da Europa de Leste, através das rotas comerciais micénicas. Para detalhes sobre a indústria de vidro no tempo de Amen-hotep III ver *Aménophis III, le*

Pharaon-Soleil, pp. 324-339. Por razões que se prendem com a decadência do império, apesar do apreço que nitidamente usufruiu, este tipo de objecto não voltou a ser produzido nas margens do Nilo.

⁽¹⁶⁾ É importante aqui ressaltar que a raridade destes amuletos provenientes das pesquisas arqueológicas se prende muito com o seu valor. Assim, enquanto outros amuletos foram frequentemente ignorados pelos ladrões de túmulos, este tipo de amuletos foi evidentemente alvo da sua atenção selectiva, razão pela qual devemos relativizar a sua raridade.

⁽¹⁷⁾ Distinguímos assim os amuletos de ouro que, por razões que se prendem unicamente com a técnica dos ourives, são ociosos mas não procuram imitar um vaso. Efectivamente, ao aplicar o uso do ouro à fabricação de amuletos, o ourives egípcio raramente fabrica objectos compactos. Pelo contrário, no caso dos amuletos do coração, utiliza duas folhas metálicas e solda-as entre si, criando uma cavidade. Os amuletos de tipo vaso feitos de ouro apresentam claramente o bordo redondo e têm o topo achatado sugerindo uma tampa.

⁽¹⁸⁾ A utilização do ouro em condecorações oficiais é um fenómeno bem conhecido no Império Novo e deu origem a importantes obras de ourivesaria, entre as quais se destacam os pesados colares habitualmente denominados de «ouro de honra». Para além do valor material acresce-se a carga mágica e simbólica do ouro, enquanto manifestação tangível da luz solar.

⁽¹⁹⁾ Sobre os meios utilizados para possibilitar o uso dos amuletos ver J. FALKOVITCH, «L'usage des amulettes égyptiennes», *BSEG* 16 (1992), p. 21.

⁽²⁰⁾ Carol Andrews refere que estes amuletos podem remontar aos tempos pré-dinásticos. Nas nossas pesquisas, no entanto, não pudemos confirmar uma datação tão recuada. Ver C. ANDREWS, «Amulets», p. 94.

⁽²¹⁾ Trata-se de um fenómeno muito corrente na produção de amuletos: apesar de se verificar uma certa preferência por um determinado tipo de materiais e certas cores, a verdade é que qualquer material era apropriado para a execução destes objectos mágicos. Ver C. ANDREWS, «Amulets», p. 76.

⁽²²⁾ *Ibidem.*, p.76.

⁽²³⁾ Note-se que, entre outras utilizações, o hieróglifo é usado para escrever a palavra *nun*, que evoca as águas primordiais que envolvem e vivificam a criação. Ver A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 530-531.

⁽²⁴⁾ Estes amuletos inserem-se numa tendência que se verificou, no fim do Império Antigo, para transformar alguns objectos inanimados em amuletos. Ver a síntese sobre a evolução dos amuletos patente em C. ANDREWS, «Amulets», p.79.

⁽²⁵⁾ Repare-se, uma vez mais, nas dificuldades colocadas por uma tipologia que não se circunscreva a aspectos formais. Ao estabelecer a sua tipologia Petrie distinguiu os amuletos que representam animais ou partes do corpo, dos amuletos que representam objectos ou bens relacionados com o culto funerário («*ktematic amulets*», no original). No nosso caso, podemos estar perante um amuleto que tem origem num objecto de culto e que mais tarde passa a representar uma parte do corpo.

⁽²⁶⁾ Sobre o papel da água no coração e na espiritualidade ver R. FERREIRA DE SOUSA, «Heart and Water in the Religious Anthropology of Ancient Egypt», pp. 375-380.

⁽²⁷⁾ Na múmia do príncipe Khaemuset, da XIX dinastia, foi encontrado um exemplar de um amuleto cordiforme bastante singular que é encimado por três artérias. A forma curva das artérias que emergem do topo parece-nos constituir uma prefiguração do perfil curvilíneo característico da cornija.

(28) É justamente uma utilização deste tipo que deve ter estado associada ao amuleto de tipo cornija conservado no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, já que este objecto não ostenta o anel de suspensão perfurado.

(29) A observação de múmias tardias mostra que objectos de valor muito díspar eram usados em múmias de altos funcionários. Nestes casos, os amuletos cordiformes mais preciosos eram colocados junto ao corpo (em alguns casos dentro da própria múmia), enquanto que os de menor valor eram enfaixados nas camadas exteriores da múmia. Note-se ainda que o uso destes amuletos não se restringiu aos funerais humanos, sendo também aplicados na inumação de animais sagrados, como o demonstram várias múmias da Época Baixa e da Época Greco-Romana.

(30) Os primeiros amuletos de tipo cornija conhecidos foram encontrados na múmia de Psusennes I e apresentam a tríade solar composta por Khepri, Ré e Atum. A presença destes deuses no coração de pedra garantia, como refere a inscrição, a protecção eterna de Psusennes I. Noutros casos, podemos encontrar a representação de Osíris e Ré, aludindo à sua união misteriosa realizada quotidianamente na Duat. A representação destas divindades no coração, para além de indicar um uso exclusivamente funerário, sugere que o coração constituía o templo onde as divindades se sediavam no ser humano.

(31) Os amuletos mais pequenos, no entanto, foram usados como adorno de colares e até de brincos.

(32) Capítulo 125 do «Livro dos Mortos» (em P. BARGUET, *Le Livre des Morts*, p. 159).

(33) As representações da psicostasia são inequívocas a este respeito. A balança da pesagem do coração apresenta-se quase invariavelmente dotada com um fiel apresentando a configuração de um amuleto de tipo semente.

(34) Capítulo 28. P. BARGUET, *Le Livre des Morts*, p. 73.

(35) Não pudemos confirmar a nossa interpretação recorrendo a outras fontes. Na verdade, no próprio dizer de Malcom Mosher, «examination and analysis of Late Period vignettes has been almost completely ignored» (em M. MOSHER, «Theban and Memphite Book of the Dead», p. 144).

(36) Objectos semelhantes, mas de significado muito diferente, foram produzidos na Época Greco-Romana.

(37) O bronze, o jaspé e outras pedras apresentam uma utilização minoritária.

(38) Apenas um amuleto foi encontrado nos túmulos de Tânis, mas no cadáver de uma mulher e não nos reis.

(39) Note-se que alguns escarabóides apresentam uma cabeça humana, o que reflecte a convergência entre estas duas classes de objectos.

(40) Um tal reforço da componente individual associado a um amuleto funerário é congruente com a transformação que se verificou na religião egípcia após o curto período de Amarna. A religião atoniana, centralizando a relação com a divindade na pessoa do faraó, espoletou um movimento antagónico de pulverização após o regresso à «ortodoxia». A relação com a divindade passou, mais do que nunca, para o domínio da esfera pessoal, tornando o coração no veículo ideal para esse encontro.

(41) A união de Ré e de Osíris, que ocorre quotidianamente no mundo inferior, é o momento fulcral na renovação dos poderes luminosos de Ré e na ressurreição de Osíris.

(42) Na Época Greco-Romana, um outro tipo de objectos, as estatuetas votivas com a forma do vaso canópico (evocando o sagrado coração de Osíris), conheceram uma certa difusão, e, embora se assemelhem aos amuletos encimados por cabeça humana, não

poderão ser com estes confundidos já que o seu uso é essencialmente votivo e, se tiverem alguma carga amulética, esta relaciona-se com a miniaturização do vaso canópico e não com o coração reanimado do defunto.

⁽⁴³⁾ Apenas dois exemplares. Um número tão limitado de objectos não permite naturalmente delimitar com precisão o seu contexto de utilização.

⁽⁴⁴⁾ Seguindo esta ideia poder-se-ia pensar numa eventual identificação entre os amuletos encimados por cabeça humana com o vaso tutelado por Imseti, o protector do fígado. No entanto, se tal alguma vez aconteceu, o amuleto encimado por cabeça humana rapidamente sofreu uma evolução própria que o levou a destacar-se desse simbolismo, já que cedo se associou, de forma inequívoca, à imagem de Osíris, ou mais precisamente, à imagem do defunto identificado com Osíris.

⁽⁴⁵⁾ É essa a interpretação que Vilmos Wessetzky faz desta curiosa «anomalia» num amuleto do coração. Para a sua descrição do objecto ver V. WESSETZKY, «Amulettes du coeur au Musée des Beaux-Arts», pp. 5-11

⁽⁴⁶⁾ Sobre a leitura simbólica do braço e da taça de oferendas ver R. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, p. 53.

⁽⁴⁷⁾ Embora a identificação da tipologia dos amuletos cordiformes seja o primeiro passo para compreender o seu significado, a sua correcta delimitação só estará completa quando se empreender um estudo complementar que se debruce sobre as representações pictóricas do amuleto do coração. Só então se poderá delinear, com mais segurança, os contextos de utilização do amuleto bem como estimar toda a abrangência do seu significado.

⁽⁴⁸⁾ Para as implicações religiosas da água na simbólica do coração ver R. FERREIRA DE SOUSA, «Heart and Water in the Religious Anthropology of Ancient Egypt», pp. 375-380. Também em *Id.* «Água», em ARAÚJO (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 35-36.

⁽⁴⁹⁾ O amuleto podia ser usado como um «lembrete» para alertar o indivíduo para a necessidade de interiorizar os preceitos maéuticos, já que era dessa interiorização que resultava a sua própria salvação no tribunal dos mortos. Um uso deste tipo assemelhar-se-ia ao das filactérias hebraicas que eram aconselhadas, nos textos deuteronómicos, para lembrarem permanentemente o fiel da necessidade de respeitar os preceitos da Lei.

Bibliografia (apenas as obras citadas)

Aménophis III, le Pharaon-Soleil, Réunions des Musées Nationaux, Paris, 1993.

Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1993.

Luís Manuel de ARAÚJO (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001.

Carol ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, University of Texas Press, 1998 (2ª edição).

Carol ANDREWS, «Amulets», em Donald REDFORD (ed), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. I, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 75-82.

Paul BARGUET, *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*, Col. Littératures Anciennes du Proche-Orient, 1, Les Éditions du Cerf, Paris, 1968.

Julia FALKOVITCH, «L'usage des amulettes égyptiennes», *BSEG* 16 (1992), pp. 20-26.

Rogério FERREIRA DE SOUSA, «Heart and Water in the Religious Anthropology of Ancient Egypt», em A. AMENTA (ed) *L'Acqua nell'antico Egitto: vita rigenerazione*,

incantesimo, medicamento – Proceedings of the First International Conference for Young Egyptologists, Vol. III, L'Erma di Bretschneider, Roma, 2005, pp. 375-380.

Rogério FERREIRA DE SOUSA, «Água», em Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001, pp. 35-36.

Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª ed. revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1957.

Malcolm MOSHER, «Theban and Memphite Book of the Dead Traditions in the Late Period», *JARCE* 29 (1992), p. 144.

Claudia MÜLLER-WINKLER, *Die Ägyptischen Objekt-Amulette*, Orbis Biblicus et Orientalis, Series Archaeologica, 5, Universitätsverlag, Friburgo, 1987.

William Flinders PETRIE, *Amulets*, Londres, 1914.

Vilmos WESSETZKY, «Amulettes de coeur au Musée des Beaux-Arts», *BMH* 54 (1980), pp. 5-11.

Richard WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, Thames and Hudson, Londres, 1992, p. 41.